

Professor Ciro, o Grande

Gelsom Rozentino de Almeida*

Falar de alguém é sempre muito difícil, ainda mais quando se trata de um ser humano tão cheio de predicados, interesses e de brilhante trajetória acadêmica. Nessas breves linhas, escritas ainda sob o efeito da notícia de anteontem, busco contar alguma coisa sobre esse Grande Professor, pelo olhar de um ex-aluno, um dentre tantas gerações de professores formados por Ciro. O Professor Ciro Flamarion Santana Cardoso nasceu em 20 de agosto de 1942, em Goiânia e faleceu em 29 de junho de 2013, em Niterói. Desde a adolescência se interessou por História Antiga, em especial o Egito Antigo. Mas a sua vida foi formada por muitos outros interesses e paixões, como os estudos históricos, as questões de seu tempo, o cinema, a música (era exímio pianista!).

Os métodos da História, escrito com Hector Perez Brignole quando foi professor da Universidade da Costa Rica (durante a Ditadura no Brasil, após ter cursado o doutorado na França), foi o seu livro mais conhecido na primeira fase. De volta ao Brasil, ingressou na UFF em 1979, lecionando na graduação e na pós desde então. Ainda nessa área são muito importantes e leitura obrigatória nos cursos de História os *Domínios da História*, em parceria com Ronaldo Vainfas. Na área da História Antiga, escreveu algumas obras que são referências fundamentais, como *O Egito Antigo*, *A Cidade-Estado Antiga*, *Trabalho compulsório na Antiguidade* e *Sete olhares sobre a Antiguidade*.

Ao iniciar o curso de História da UFF em 1983, na primeira ou segunda semana, tivemos uma conferência do professor Ciro (era assim que os seus alunos o chamavam), que falava com tranquilidade de coisas de outras eras, outros espaços, outros mundos... *Uma introdução à História* por um dos maiores Historiadores do Brasil e nós, ali na sala 108 no ICHF! Seus livros sobre Egito, História Antiga, América Latina, Escravidão, Teoria e Métodos de História eram leitura básica de diversas disciplinas. Não por imposição, mas por necessidade para a nossa formação. Dificilmente recusava um convite para uma palestra ou uma mesa, invariavelmente cheias. A sua generosidade

* Professor Associado da UERJ, Procientista PAPERJ, professor do PPGHS (DCH,FFP, UERJ), integra o GT *História e Marxismo* da ANPUH e o conselho consultivo de *marxismo21*.

para com os alunos e colegas era formidável. Não era vaidoso, não agia como “celebridade”, mantinha uma postura simples, fraterna e correta, onde estivesse.

Isto não quer dizer que ele fugisse do debate ou da crítica. Ao contrário! Quantos embates pela História! Quantas polêmicas! Que o digam, por exemplo, nosso saudoso Jacob Gorender e Fernando Novais. Mas sempre em alto nível, com profundidade e coerência teórica, metodológica e empírica, mantendo a cordialidade. Sua produção e debate na década de oitenta foram responsáveis por uma revisão significativa da discussão conceitual sobre o escravismo colonial brasileiro, contribuindo para o estabelecimento do conceito de "Modo de Produção Escravista Colonial".

Tive a oportunidade de convidá-lo algumas vezes – e ser atendido – para palestras. Dentre tantas que assisti, quero destacar uma. Em 2005, proferiu a conferência de abertura do simpósio do GT *História e Marxismo*, no Encontro da ANPUH-RIO na UFF. Ele estava num momento de tratamento muito delicado e cercado de cuidados. Estava visivelmente fragilizado fisicamente. Mas que força de vontade! Quer vitalidade intelectual! Ele foi e nos brindou com uma brilhante apresentação, com muitas pessoas em pé e pelo corredor, com um público muito maior que a capacidade do local. Dentre os vários pontos abordados, destaco a abordagem da cultura a partir de uma perspectiva materialista histórica, num diálogo com Raymond Williams, onde ela é parte do processo de produção e reprodução material da vida. Ao contrário da ótica idealista, que percebe a cultura como uma esfera da atividade humana absolutamente autônoma e auto-referida, o materialismo cultural a compreende como determinada historicamente e socialmente, inserida, portanto, numa totalidade. Dentro da temática mais ampla da cultura, a relação entre ideologia e produção do conhecimento possui significativa relevância no contexto das sociedades capitalistas, pois historicizar a produção do conhecimento é também desvendar seus conteúdos ideológicos e sua inserção na dinâmica da luta de classes.

É necessário lembrar aqui o seu destacado papel como historiador marxista, na crítica a “nova história”, a terceira geração dos *Annales*, aos pressupostos da neutralidade científica e da produção do conhecimento como atividade desinteressada. Historiador, defensor da História, mas sempre com uma visão totalizante e interdisciplinar. Nos anos 1990 passou a se interessar pela semiótica e a utilização de seus métodos na pesquisa histórica, como apresenta no livro *Narrativa, sentido, História*.

Para concluir, conto um episódio quando era monitor de História Antiga e Medieval. O Prof. Ciro havia programado algumas aulas em que eu trabalharia com ele numa disciplina eletiva a partir de um novo trabalho – *A Cidade-Estado Antiga*. Para tanto ele me emprestou o texto datilografado, para que me preparasse e debatesse com ele, antes da turma. Não preciso dizer como tremia... e me senti orgulhoso de ser seu aluno. Sempre!